

ACONSELHAMENTO CRISTÃO

OS RECURSOS
TERAPÊUTICOS
DA FÉ CRISTÃ
PARA O CUIDADO
DA ALMA

ERIC L. JOHNSON

Aconselhamento cristão é um livro corajoso e audacioso. Nele, Eric Johnson defende a ideia de que a fé cristã é fundamentalmente “terapêutica” e que fornece ferramentas, capazes de auxiliar no processo de cura, das quais o conselheiro secular não pode se valer. Essas ferramentas requerem uma compreensão profunda e poderosa da própria fé cristã, arraigada na concepção trinitária de Deus, a qual se torna possível pela revelação de Deus em Cristo. Johnson reconhece o valor do conhecimento obtido pela psicologia moderna e enxerga os valiosos instrumentos utilizados nela e no aconselhamento secular como dons da graça comum de Deus. Argumenta, no entanto, que essas ferramentas seriam mais bem utilizadas no contexto de uma abordagem do progresso humano que fosse caracteristicamente cristã, o que difere radicalmente das cosmovisões implícitas em boa parte da psicologia e do aconselhamento. Esse é um livro que beneficiará tanto psicólogos quanto teólogos.

C. Stephen Evans, professor de Filosofia e Ciências Humanas na Baylor University

Eric L. Johnson é um dos acadêmicos cristãos mais ponderados e meticulosos da atualidade. Em *Aconselhamento cristão*, demonstra mais uma vez o vínculo profundo que há entre a doutrina cristã e as formas cristãs de abordar o aconselhamento, o cuidado pastoral e a psicoterapia. Cada capítulo desse texto examina as complexas nuances da fé cristã e as razões pelas quais elas são importantes para os que cuidam de almas. Esse livro terá valor imediato no treinamento de conselheiros cristãos e valor duradouro como manual de referência enquanto estes avançam em suas carreiras.

Mark R. McMinn, professor de Psicologia na George Fox University e autor de *The science of virtue*

Ao efetuar e apresentar uma análise meticulosa e uma síntese ponderada do livro que trata da obra de Deus (as ciências) e do livro que trata da Palavra de Deus (a Bíblia), além de empregar toda a amplitude de seu conhecimento acadêmico excepcional, Johnson faz uma contribuição impressionante e muito necessária às disciplinas de Aconselhamento Cristão e de Psicologia Cristã. Como conselheiro bíblico e terapeuta licenciado, lido diariamente com pessoas que sofrem com as complexidades associadas a distúrbios psicológicos graves, pecados escravizantes e confusão espiritual, com certeza consultarei esse valioso manual muitas vezes e por muitos anos.

Jeremy Lelek, presidente da Association of Biblical Counselors

Na obra *Solilóquios*, de Agostinho, há um diálogo entre o autor e sua Razão, a qual lhe pergunta o que ele deseja conhecer: “— Quero conhecer a Deus e a alma. / — Nada mais? / — Absolutamente nada”. Eric Johnson quer saber como Deus lida com a alma. Esse livro é sua resposta. É uma obra acadêmica, profundamente cristã, que desde o início põe a teologia como orientadora da psicologia. O resultado é uma teologia salutar que apresenta as implicações psicológicas e de contornos terapêuticos das várias das doutrinas cristãs, unidas por uma estrutura trinitária comum. Esse é o prato principal para o qual outro livro de Johnson,

Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã (Shedd Publicações), serviu de aperitivo. Cristianismo como teoterapia: Agostinho, sem dúvida, ficaria feliz.

Kevin J. Vanhoozer, professor pesquisador de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School e autor de *O drama da doutrina*, *Encenando o drama da doutrina*, *Autoridade bíblica pós-Reforma* e *O pastor como teólogo público* (Vida Nova)

Poucos são os que entre nós não precisam de aconselhamento em algum momento da jornada neste mundo bom mas arruinado pelo pecado. Apanhados em meio a circunstâncias inesperadas, queremos algum conselho que nos ajude a enxergar o caminho para sair da escuridão. Infelizmente, é muito comum nos vermos diante do dilema de ter de escolher entre aconselhamento cristão simplista e psicologia secular que não leva a sério nossos compromissos mais profundos. Esse é um dos motivos de minha gratidão pela obra de Eric Johnson. Ele não só resiste a uma falsa dicotomia entre fé e observações da psicologia, mas escolheu como trabalho de sua vida mapear as intrincadas relações entre as Escrituras, a fé, a teologia e a psicologia. *Aconselhamento cristão* é um presente e, se for recebido como deve ser, muito contribuirá para aperfeiçoar o aconselhamento e formar conselheiros, para que, quando precisarmos deles, encontremos pessoas bem preparadas para trabalhar juntamente com Deus e assim nos indicar o caminho certo para alcançarmos a verdadeira cura, para a glória de Deus e nosso próprio bem-estar.

Craig G. Bartholomew, Redeemer University College, coautor de *Introdução à cosmovisão cristã* e *O drama das Escrituras* (Vida Nova)

Aconselhamento cristão é um livro primorosamente equilibrado, composto por um dos corações mais generosos e uma das mentes mais capazes quando o assunto é aconselhamento cristão. Eric Johnson é tanto teólogo quanto psicólogo, e o resultado de sua obra é uma aplicação cuidadosa e completa dos recursos da fé cristã (Deus, evangelho e igreja) ao que há de fragmentado em nossa vida. Não há nada que se compare a esse livro na bibliografia do aconselhamento cristão, o que faz dele leitura imprescindível para conselheiros bíblicos e cristãos, pastores que levam a sério o pastoreio de seu povo e missionários ponderados que desejam contextualizar o evangelho a qualquer ambiente ocidental.

Sam R. Williams, professor de Aconselhamento, coordenador do mestrado em aconselhamento no Southeastern Baptist Theological Seminary

Tendo por base seu *Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã* (Shedd Publicações), Johnson constrói uma estrutura de teologia sistemática para os que desejam aconselhar como cristãos. Ele baseia-se em uma esplêndida diversidade de fontes para ajudar o leitor a examinar detalhadamente todas as dimensões e implicações teológicas do aconselhamento, e isso é vital em uma época em que muitos dos que aconselham, até mesmo em nome de Cristo, são pouco versados na cosmovisão profundamente bíblica

e necessária para aconselhar bem. Johnson conhece tanto o lado psicológico quanto o lado bíblico da história, e os entrelaça em um livro extraordinariamente coerente. Leitura obrigatória tanto para os que aconselham profissionalmente quanto para os que atuam em contextos pastorais e ministeriais!

Timothy A. Sisemore, diretor de pesquisa e professor na Richmond Graduate University

Aconselhamento cristão mostra como a teologia cristã caracteriza o florescimento humano e nos desperta para o fato de que a cura de todos os males e o cultivo de todas as facetas de nossa condição humana se encontram em Jesus Cristo e ocorrem por seu intermédio. Precisamos de conselheiros — profissionais treinados, pastores alertas e leigos sábios — tanto com uma formação teológica mais sólida nas tradições católica romana e protestante de doutrina e reflexão exegética, quanto com um envolvimento perspicaz no campo da psicologia. Mais uma vez, Eric Johnson prova ser um modelo e guia de primeira grandeza, ao nos chamar para analisar as formas pelas quais o conhecimento de Deus reorienta e renova nossa preocupação de cuidar das almas com fidelidade.

Michael Allen, deão e professor adjunto de Teologia Sistemática e Histórica no Reformed Theological Seminary, em Orlando

Aconselhamento cristão, de Eric Johnson, é mais uma contribuição profunda e substancial para o desenvolvimento de uma verdadeira psicologia cristã e para o aconselhamento cristão e o cuidado da alma. Ele apresenta os recursos terapêuticos da fé cristã explicando claramente quais são as implicações das verdades bíblicas fundamentais na psicoterapia e aconselhamento cristãos. Recomendo esse livro como leitura essencial!

Siang-Yang Tan, professor de Psicologia no Fuller Theological Seminary e autor de *Counseling and psychotherapy*

Quando a extraordinária *magnum opus* de Eric Johnson, *Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã* (Shedd Publicações), foi publicada em 2007, pensei que seria o ponto culminante de sua carreira de escritor, mas, como ele mesmo diz no prefácio desse novo livro, a obra anterior não passou dos “prolegômenos da presente obra”. Assim, temos agora duas partes alentadas de uma psicologia cristã muito necessária e extraordinariamente abrangente que será, por muitos anos, o principal manual de referência sobre a relação entre a Bíblia, o caráter de Deus, a pessoa de Cristo e os insights da psicologia. Johnson busca a síntese correta “de todas as formas pertinentes de conhecimento bíblico, teológico, psicológico e filosófico sobre o homem, com o objetivo de entender o ser humano da forma mais abrangente possível, isto é, o mais próximo possível de como Deus nos entende”. Seu academicismo paciente, diligente e meticuloso é um dom notável para a igreja numa época em que, diante dos muitos avanços significativos da psicologia contemporânea, os cristãos precisam de ajuda para discernir como pensar bíblicamente sobre essa área da vida que afeta a todos nós — o que ele chama de “graça criadora”.

Johnson escreve: “A maior parte de *Aconselhamento cristão* [...] concentra-se no uso dos recursos da graça *redentora*, os quais somente os conselheiros cristãos podem utilizar”. Por trás dessa obra de elevado academicismo, está um homem com profundo amor a Deus, à verdade, às pessoas e à vida, que empregou todos os seus talentos na tarefa de desenvolver a psicologia cristã. Sem dúvida, recomendo essa obra valiosa a meus alunos de aconselhamento e teologia.

Richard Winter, professor emérito de Teologia Aplicada e Aconselhamento no Covenant Theological Seminary, em St. Louis

Eric L. Johnson assume a tarefa de reimaginar o que em geral consideramos psicopatologias modernas no contexto de sua tese mais ampla de uma psicologia verdadeiramente cristã. Concordando ou não com sua tese, você vai querer ler esse livro.

Mark A. Yarhouse, professor da cátedra Rosemarie S. Hughes de Psicologia, na Regent University, e coautor de *Modern psychopathologies*

Vivemos em uma era de superespecialização acadêmica que facilmente sabota as tentativas de integração disciplinar. Felizmente, Eric Johnson resiste a essa tendência e procura estabelecer um diálogo significativo de sua formação em psicologia com a teologia e o cuidado pastoral. Embora nem todos os que atuam nas diferentes disciplinas concordem com todas as posições que ele adota, cada um pode apreciar e aprender com sua nobre tentativa de elaborar uma abordagem holística. Há muito o que refletir, com proveito, nessas páginas repletas de informação.

Kelly M. Kopic, professor de Estudos Teológicos na Covenant College

Aconselhamento cristão oferece aos leitores o fruto da paixão que tem movido Eric Johnson durante toda a vida: articular uma criteriosa perspectiva da psicologia que seja totalmente cristã. O corpo de Cristo — a igreja viva de Jesus Cristo — é muitas vezes apresentado como uma comunidade terapêutica orgânica, onde relacionamentos, discipulado e adoração promovem cura e crescimento. Johnson mostra, de forma habilidosa, que o próprio conteúdo da teologia evangélica é terapêutico para a alma. Essa é uma obra abrangente que dá continuidade a *Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã* (Shedd Publicações). Johnson entrelaça perfeitamente o profundo ensino cristão com uma compreensão contemporânea dos seres humanos como seres biopsicossociais, bem como éticos e espirituais. Para os seguidores de Jesus Cristo que aconselham em clínicas de saúde mental, pastoreiam em ambientes ministeriais, atuam como capelães em comunidades pluralistas ou oferecem orientação espiritual, *Aconselhamento cristão* é um tratado teológico acessível e pertinente para reflexão pessoal, referência profissional e aperfeiçoamento da fé.

Stephen P. Greggo, professor de Aconselhamento na Trinity Evangelical Divinity School e coeditor do livro *Counseling and Christianity*

ACONSELHAMENTO
CRISTÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Johnson, Eric L.

Aconselhamento cristão : os recursos terapêuticos da fé cristã para o cuidado da alma / Eric L. Johnson ; tradução de Lucília Marques. — São Paulo : Vida Nova, 2021.

848 p.

ISBN 978-65-5967-017-8

Título original: God and soul care : the therapeutic resources of the Christian faith

1. Teologia 2. Cristianismo – Psicologia 3. Psicologia – Religião
4. Psicoterapia I. Título II. Marques, Lucília

21-1690

CDD 261.561

Índices para catálogo sistemático

1. Cristianismo e psicologia

ACONSELHAMENTO CRISTÃO

OS RECURSOS
TERAPÊUTICOS
DA FÉ CRISTÃ
PARA O CUIDADO
DA ALMA

ERIC L. JOHNSON

TRADUÇÃO
LUCÍLIA MARQUES

©2017, de Eric L. Johnson

Título do original: *God and soul care: the therapeutic resources of the Christian faith*,
edição publicada pela InterVarsity Press,
divisão da InterVarsity Christian Fellowship/USA (Downers Grove, Illinois, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram traduzidas diretamente da New American Standard Bible (NASB). As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas da New Revised Standard Version (NRSV), da New English Bible (NEB), da English Standard Version (ESV) e da English Standard Bible (ESB), e extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA), da Nova Versão Internacional (NVI) e de A Mensagem.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Jonas Madureira

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Virginia Neumann
Fabiano Silveira Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Abner Arrais
Josiane de Almeida
Ubevaldo G. Sampaio

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
OM Designers Gráficos

DEDICO ESTE LIVRO

a meus pais,

DAVID JOHNSON e
AUDREY JOHNSON,

a mentores que influenciaram
esta obra de forma especial:

AGOSTINHO,
JULIANA DE NORWICH,
JOÃO CALVINO,
JONATHAN EDWARDS,
SØREN KIERKEGAARD,
THOMAS MERTON,
HANS URS VON BALTHASAR,
ELEONORE STUMP
e, em particular,
JOHN PIPER,

e a meu

PAI CELESTE.

AS SAGRADAS ESCRITURAS

GEORGE HERBERT (1593-1633)

Ó Livro! Doçura infinita! Que meu coração
cada letra sorva e do mel sinta o sabor,
precioso em cada parte, para qualquer aflição,
para aliviar o peito e mitigar a dor.

Tudo em ti é saúde, saúde que viceja até formar
uma eternidade inteira; tu és uma soma
de surpreendentes delícias, que se podem desejar e provar.
Olhai, senhoras; eis a lente da gratidão,

que corrige a vista de quem por ela olha; esse é o poço
que lava tudo o que revela. Quem pode dar valor
demais a teu louvor? Tu és aqui o Emissário¹ do céu,
trabalhando contra os estados da morte e do inferno.

Tu és o penhor da alegria: o céu está todo em ti,
sujeito aos joelhos dobrados de cada um que sobe um monte.

Ah, se eu soubesse como todas as tuas luzes se combinam
e se conhecesse as configurações de sua glória!
Vendo não só como cada versículo reluz,
mas todas as constelações da história.

¹Também “embaixador”. Em inglês, envolve o duplo sentido da palavra *ledger*, que pode significar um “representante de senhor feudal” ou um “livro de registro”. (N. da T.)

Esse versículo marca aquele, e os dois conduzem
a um terceiro, que está dez páginas à frente;
Então, assim como ervas dispersas viram uma poção,
esses três traçam o destino de um cristão:

eis teus segredos, que minha vida torna boa,
e de ti servem de comentário; pois em tudo
tuas palavras me encontram, e paralelos trazem,
e em outra coisa me fazem entender.

Estrelas são livros incompletos e muitas vezes falham;
este livro de estrelas brilha para bem-aventurança eterna.

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	15
<i>Agradecimentos</i>	29
<i>Esboço analítico</i>	31

PRIMEIRA PARTE: O programa doxológico-terapêutico da Trindade

1 A órbita da alma humana	37
2 As missões gloriosas da Trindade	73
3 A palavra do Filho	108
4 O dom do Espírito	142
5 Histórias de glória	174

SEGUNDA PARTE: A bondade de Deus e a criação da humanidade

6 A beleza de Deus e o florescimento humano	209
7 Do jeito que deve ser	243

TERCEIRA PARTE: O diagnóstico divino

8 Pecado e psicopatologia	283
9 Sofrimento e psicopatologia	319
10 Dano biopsicossocial e psicopatologia	359
11 A extensão da psicopatologia	396

QUARTA PARTE: A intervenção divina

12 A vida de Cristo e a perfeição da humanidade	439
13 A morte de Cristo e o fim da psicopatologia.....	469
14 A ressurreição de Cristo e o início da nova criação	501
15 A exaltação de Cristo e a multiplicação da nova criação	530

QUINTA PARTE: A terapia divina

16 O abraço santo do corpo de Cristo.....	565
17 A divisão do cristão em novo e velho	598
18 Diferenciação redentora.....	633
19 Integração redentora	667

SEXTA PARTE: A cura divina

20 Vivendo no futuro.....	699
<i>Bibliografia</i>	<i>731</i>
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	<i>805</i>
<i>Índice remissivo</i>	<i>829</i>

PREFÁCIO

Muitos cristãos de hoje desconfiam de qualquer forma de terapia, e há boas razões para isso. Vivemos em uma época e cultura em que a orientação terapêutica secular substituiu a religião como o principal caminho para promover maior bem-estar (Browning e Cooper, 2004; Holifield, 1983; Rieff, 1966), particularmente entre os intelectuais ocidentais e cada vez mais entre a população de modo geral — e a igreja não ficou imune a isso (Smith e Denton, 2005).

No entanto, a rejeição indiscriminada de todo tipo de terapia por parte dos cristãos seria uma reação exagerada a essa situação, pois o cristianismo é, desde o início, uma religião terapêutica. Um tema importante das Escrituras cristãs — destacado nos Evangelhos — é o retrato de Jesus Cristo, o Filho de Deus, como o supremo médico das almas do mundo, que veio do céu à terra para curar a humanidade das piores doenças de natureza espiritual e ética por meio de seus ensinamentos e ações, como demonstrado pelas muitas curas físicas que realizou (veja Mc 2.1-17; Jo 9; 11.25,40; 17.22-26). Grande parte do restante do Novo Testamento dedica-se, ainda que de maneira mais indireta, às implicações desse retrato, e aprendemos ali que a salvação cristã implica um processo de cura e transformação espiritual e psicológica análoga à cura física (Rm 12.2; 1Co 1.18; 15.2; 2Co 3.18; Ef 2.4-10; 1Tm 4.10; veja tb. Sl 103.3; Is 53.5; Colijn, 2010; Reichenbach, 2006). O significado básico de *psicoterapia* é “cura da alma” (*psychē* = alma; *therapeuō* = curar), que é uma designação muito boa da vida cristã.¹ Charry (2007) diz que:

¹O termo, na realidade, faz mais sentido em uma cosmovisão que ainda creia que o ser humano seja uma alma que habita um corpo.

O cristianismo não é simplesmente terapêutico, mas *teoterapêutico*. O alicerce usado por ele para construir a psicologia cristã e seu critério para dialogar com outros campos do saber são sua concepção de Deus. Para o cristianismo clássico, a teologia, a psicologia, a ética e a espiritualidade são indivisíveis, pois se ocupam todas do empreendimento unificado de nos ajudar a conhecer, a amar e a desfrutar Deus de maneira melhor — e a fazer melhor uso de nós mesmos em consequência disso. Todas essas disciplinas ajudam a entender e a aceitar a Deus e a nós mesmos (p. 12).

Desse ponto de vista, poderíamos simplesmente afirmar que o cristianismo é uma iniciativa psicoterapêutica instituída pelo próprio Deus.

Além disso, os cristãos também devem rejeitar a tentação de jogar fora o conhecimento teórico e prático da psicologia (que inclui pesquisa e teoria sobre psicoterapia e aconselhamento). Apesar das lentes distorcidas de sua cosmovisão dominante (o naturalismo), a psicologia moderna acumulou uma quantidade enorme de conhecimento sobre os seres humanos em sua breve história (desde aproximadamente 1879), e todo o conhecimento da criação de Deus pertence a ele e é fruto de sua graça criadora. Consequentemente, os cristãos deveriam ser os mais ávidos por aprender com as ciências corretamente interpretadas, mesmo as ciências humanas. Não, o desconforto que alguns cristãos têm em relação à terapia em nossos dias não diz respeito à ciência ou à terapia em si; diz respeito à configuração particular da estrutura terapêutica que passou a dominar o Ocidente, como o cristianismo fez por muitos séculos. Em consequência de uma revolução secular (Smith, 2003) que tem se espalhado nos últimos séculos e agora está quase completa, o Deus do cristianismo foi deposto e, ironicamente, o beneficiário original das intenções terapêuticas de Deus, o eu humano, assumiu o trono, e essa mudança de regime tem sido extremamente difícil para os cristãos suportarem.

OS ANTECEDENTES DESTES LIVRO

Expressar a realidade dessa maneira é um tanto provocativo, mas não é, de fato, um exagero. Além disso, descobrir a melhor maneira de responder com base em nosso chamado particular faz parte da prudência de que necessitamos nesta era do modernismo tardio, e cristãos diferentes responderão de maneiras diferentes. A minha resposta, desde antes de ir para a Michigan State University cursar o doutorado em psicologia educacional, foi moldada

pelo modelo de análise cultural das duas cidades, de Agostinho (1958), e pelo modelo das duas ciências para as ciências humanas, de Kuyper (1898). Segundo Agostinho, a humanidade pode ser dividida basicamente em dois grupos: a cidade dos homens, na qual todos nascem e que ama o eu e despreza a Deus; e a Cidade de Deus, na qual se deve nascer de novo pela graça e por meio da fé, e que ama a Deus e despreza o eu — um contraste que parece simplista quando enunciado de forma tão crua, mas capta bem seus respectivos valores e orientações motivacionais, ou seja, a religião de cada cidade. Kuyper, que foi contemporâneo da fundação da psicologia moderna, estendeu a análise de Agostinho às ciências humanas, que também, segundo ele, enquadravam-se em dois grupos, levando em conta a regeneração divina dos crentes, que resultava em compreensões fundamentalmente diferentes dos seres humanos e refletia as respectivas orientações religiosas (embora Kuyper acreditasse que as suposições religiosas não influíssem muito nas observações, medições e lógica básicas das ciências humanas, crença que agora sabemos ser um tanto ingênua). Infelizmente, desde a primeira articulação, sua abordagem das ciências humanas foi praticamente relegada ao esquecimento.

É possível supor que, se há algum campo em que o modelo de Kuyper se aplicaria, dois bons candidatos são a psicoterapia e o aconselhamento, já que tanto a religião quanto a psicoterapia/aconselhamento são instituições sociais com funções culturais em comum: promover o bem-estar, moldar pensamentos, emoções e atividades humanas em benefício da sociedade e formar laços sociais positivos no contexto de uma cosmovisão específica. Conseqüentemente, do ponto de vista kuyperiano, parece haver respaldo suficiente para, com base nos recursos terapêuticos que Deus proporcionou em Cristo e revelou na Bíblia, desenvolver modelos avançados de terapia que sejam tão sofisticados e tão bem investigados quanto os da psicologia moderna e, ao mesmo tempo, aproveitar tudo o que legitimamente pudermos aprender com os modelos modernos.

Embora eu tenha formação para seguir carreira como professor universitário de psicologia, meu interesse pessoal em psicoterapia e aconselhamento surgiu nos dez anos em que frequentei a igreja de John Piper. No início de seu ministério, ele deu um nome um tanto controverso a sua forma de enxergar a vida cristã, chamando-a “hedonismo cristão”, e assim criou um lema muito usado desde aquele momento — “Deus é mais glorificado em nós à medida que estamos mais satisfeitos nele” —, e os ensinamentos dele tiveram grande impacto sobre mim. Quando ensinava psicologia numa faculdade cristã de

artes liberais, nas Cidades Gêmeas² (University of Northwestern), envolvi-me no trabalho da igreja, onde acabei ministrando cursos de aconselhamento para pastores e leigos. Nesse ínterim, crescia em mim a convicção de que hedonismo cristão implicava um modelo de aconselhamento cristão que precisava ser desenvolvido. Assim, quando um amigo sugeriu que eu me candidatasse a um cargo no departamento de aconselhamento no Southern Baptist Theological Seminary, segui seu conselho. Pouco tempo depois, assinei o contrato para escrever este livro.

Passados poucos anos depois de haver começado a escrever, dei-me conta de que ninguém tinha ainda tentado defender, em âmbito acadêmico, o uso da Bíblia na ciência da psicologia e da psicoterapia/aconselhamento, e esse uso era altamente censurável segundo os pressupostos da psicologia moderna. Diante disso, fiz um pequeno desvio, que julguei necessário, para concluir em 2007 *Foundations for soul care: a Christian psychology proposal*,³ obra que serviu de prolegômenos da presente obra. Nela procurei descrever a estrutura básica de uma psicologia cristã para o cuidado da alma — assentando a estrutura da casa, por assim dizer —, em preparação para este livro, que aborda o conteúdo cristão pertinente para a psicoterapia e o aconselhamento — o design interior da casa, talvez. Os dois livros foram escritos como textos para cursos de pós-graduação em psicoterapia e aconselhamento cristãos.

“Conhecemos a verdade, não somente pela razão, mas também pelo coração, e é por essa segunda via que conhecemos os primeiros princípios” (Pascal, 1680/1941, p. 95). Para expressar em palavras mais modernas, Pascal está dizendo que não se podem expressar pressupostos de cosmovisão da mesma forma que se expressa um argumento lógico formal. “Toda cosmovisão requer fé em seus princípios fundacionais” (Poplin, 2008, p. 151). O livro que apresento a seguir é uma exposição dos “primeiros princípios” do cristianismo em referência à psicoterapia e ao aconselhamento, uma vez que brotam da Bíblia e da tradição cristã.⁴ O projeto todo foi orientado pela seguinte pergunta: “Qual é o benefício terapêutico deste aspecto da fé cristã em particular?”.

²Minneapolis e Saint Paul, no estado de Minesota, Estados Unidos. (N. da T.)

³Edição em português: *Fundamentos para o cuidado da alma: uma proposta de psicologia cristã* (São Paulo: Shedd, 2021).

⁴Digo *tradição* (no singular) porque o livro foi escrito para todos os conselheiros cristãos, independentemente de sua tradição cristã específica. Contudo, cada um interpreta a fé cristã segundo sua própria tradição, e não fujo à regra, favorecendo as tradições reformada e batista, embora com grande apreço por todas as expressões ortodoxas do cristianismo.

Esse pode parecer um projeto tão utilitário, que chega a ser incapaz de gerar um grande benefício cristão. Não podemos nos aprofundar muito aqui a respeito dos primeiros princípios de psicoterapia e aconselhamento cristãos (PAC), que ainda examinaremos. Contudo, alguns temas podem ser mencionados para mostrar a trajetória do livro. Primeiramente, vamos pressupor — assim como Piper, e Edwards antes dele (e Agostinho e Tomás de Aquino antes de Edwards) — que Deus criou os seres humanos para florescerem ainda seu potencial sempre que ele ocupar o centro da vida deles e sempre que a glória dele for a principal motivação deles. Em segundo lugar, uma característica central da manifestação da glória de Deus é a revelação de que ele é triúno — Pai, Filho e Espírito Santo —; portanto, o modelo PAC aqui desenvolvido é trinitário. Por último, o projeto de glorificação da Trindade é aprimorado pelo enfoque que se dá a Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho do Homem. Conseqüentemente, esse projeto poderia também receber o título de psicoterapia e aconselhamento *cristológicos*,⁵ dado o enorme vulto que Cristo assume na orientação desse trabalho, tanto no que diz respeito à compreensão acerca dos seres humanos quanto no que se refere ao modo em que a cura deles é facilitada. Uma orientação teocêntrica transforma tudo o que se encontra em sua órbita, mostrando como aquilo que nos beneficia serve ao bem maior da glória de Deus.

O PÚBLICO-ALVO DESTES LIVROS

Aconselhamento cristão foi escrito tendo em mente profissionais de saúde mental (PSMs) cristãos, tanto experientes quanto ainda em formação, que queiram aprender mais sobre como os recursos da fé cristã podem moldar seu trabalho, especialmente ao lidarem com cristãos. Embora as teologias sistemáticas contemporâneas tratem do conteúdo da fé, o texto é geralmente um pouco distante do trabalho que se desenvolve na terapia, de modo que este livro pode ser usado como livro didático das disciplinas de teologia

⁵Cortez (2016) defende que, para uma antropologia ser cristológica, suas “crenças sobre a pessoa humana (antropologia) devem estar fundamentadas de alguma forma em crenças sobre Jesus (cristológicas)” (p. 20). Além disso, o modelo deveria ser aplicado a uma gama mais ampla de áreas do que tradicionalmente se tem feito em teologia. O projeto em pauta atende aos dois critérios. No entanto, seguindo o costume de minha formação disciplinar e provavelmente da maior parte de meus leitores, usarei os termos *psicologia*, *psicoterapia* e *aconselhamento* em lugar de *antropologia*.

em programas de psicoterapia e aconselhamento cristãos. Também espero que os ministros cristãos encontrem utilidade nesse livro, sobretudo os que aconselham e desejam compreender melhor as implicações terapêuticas da fé cristã. Há hoje uma enorme necessidade de que ministros cristãos e PSMs trabalhem em estreita cooperação, e isso é mais provável de acontecer se tiverem o mesmo entendimento cristão acerca do cuidado das almas. Ficarei feliz se este livro promover maior diálogo e colaboração entre esses dois grupos do corpo de Cristo, cada um com seus dons e chamados.

PSICOTERAPIA E ACONSELHAMENTO CRISTÃOS SÃO PROJETOS TRANSDISCIPLINARES

Segundo as modernas fronteiras disciplinares, este livro parece-se em muito com uma obra de teologia. No entanto, como está implícito no nome “psicologia cristã”, a principal tarefa da abordagem aqui adotada é o desenvolvimento de uma versão da psicologia que seja caracteristicamente cristã. Um dos problemas do conhecimento na era moderna, do ponto de vista cristão, é que ele se tornou fragmentado e carece de um conjunto central de textos ou axiomas que lhe confirmem princípios espirituais e éticos superiores, capazes de orientar a interpretação do conhecimento e a conduta da vida. Em consequência disso, as disciplinas intelectuais operam independentemente umas das outras e os cristãos reconhecem que o conhecimento resultante é explicitamente desconectado de seu criador, Deus, ou seja, *secular*.⁶

Muitos avanços metodológicos ajudaram a psicologia moderna a se tornar a abordagem dominante em nosso tempo, mas muitos de seus métodos, se não todos, podem ser usados por pessoas de *qualquer* cosmovisão. Não obstante, a maioria das comunidades com determinada cosmovisão terá também pressupostos metodológicos próprios a orientar sua busca de conhecimento e, portanto, o modo de tratar diferentes disciplinas. A psicologia cristã difere da psicologia moderna por seu rol ampliado de fontes válidas de conhecimento. Para o cristianismo, o Deus da Bíblia é o Criador do universo, e ele sabe como todos os conhecimentos se inter-relacionam, em última análise porque tudo está relacionado com ele. Além disso, ele revelou na Bíblia

⁶A palavra *secular* tem vários sentidos, e esse sentido pejorativo é apenas um deles. O adjetivo pode também se referir a aspectos da realidade que contrastam com outros explicitamente espirituais, ou religiosos, ou sagrados. Taylor (2007) argumentou que atualmente *secular* significa o reconhecimento de que há muitas opções fundamentais para entender a natureza das coisas.

os primeiros princípios de seu entendimento e avaliação da realidade, dos quais podem se deduzir: seu projeto básico para os seres humanos; o que há de mais errado com eles; um esboço de seu modelo terapêutico singular para promover a recuperação; e a finalidade da vida humana. Mais ainda: os teólogos e filósofos cristãos refletiram minuciosamente sobre essa revelação durante séculos. Conseqüentemente, além da pesquisa empírica — *única* fonte oficial de conhecimento da psicologia moderna — o projeto de uma psicologia cristã utilizará conhecimento bíblico, teológico e filosófico na elaboração de seu conteúdo. Como o conhecimento bíblico e teológico foi por muitas gerações separado de outras formas do conhecimento, há hoje uma necessidade especial de nos dedicarmos a um exercício de recuperação e também de investirmos significativamente nessas “metadisciplinas” para assim desenvolvermos uma estrutura mais genuinamente cristã que compreenda a realidade entre cristãos, fortaleça sua identidade cristã no ambiente acadêmico e oriente a formação de conhecimento em todas as disciplinas. Isso resultará em uma necessária reorganização das disciplinas de acordo com os princípios revelados, ressaltando a unidade subjacente deles em Deus, e até mesmo acrescentará conteúdo, à medida que o assunto que eles cobrem tenha relevância para determinada disciplina — *e entre psicoterapia e aconselhamento há uma superposição considerável*. Essa reconceituação da atividade acadêmica vem sendo chamada “abordagem acadêmica radicalmente cristã” ou “abordagem acadêmica cristã transdisciplinar” (veja Johnson e Bartholomew, manuscrito inédito), e nem é preciso dizer que nossos colegas seculares discordarão.

Em outras palavras, da perspectiva de uma psicologia cristã, este é um livro de psicologia que se concentra especialmente em conhecimento bíblico e teológico, juntamente com algum conhecimento empírico e filosófico, para desenvolver os primeiros princípios de psicologia e aconselhamento cristãos.

Muitas obras clássicas poderiam ser citadas como fontes de inspiração para este livro, entre elas o *Enchiridion*, de Agostinho, o *Brevilóquio*, de São Boaventura, as *Institutas da religião cristã*, de Calvino, o *Directorio cristão*, de Richard Baxter, e *Thoughts on religious experience* [Pensamentos sobre a experiência religiosa], de Archibald Alexander. Esta obra, obviamente, difere de todas essas por dialogar com o conhecimento e as inovações terapêuticas da psicologia moderna.

Nos últimos anos, foram publicados vários livros com uma proposta similar à deste trabalho: *Aconselhamento bíblico cristocêntrico*, organizado por MacDonald, Kellemen e Viars (2013); *Aconselhamento segundo o evangelho*:

a rica teologia saturada do evangelho aplicada às lutas da alma humana, do próprio Robert Kelleman (2014); e *A theology of biblical counseling* [Teologia do aconselhamento bíblico] (2016), de Heath Lambert, que representa a linha do aconselhamento bíblico dentro do espectro mais amplo do aconselhamento cristão. Representando a linha da integração, Virginia Holeman escreveu *Theology for better counseling* [Teologia para aconselhar melhor] (2012). Cada um desses livros tem seus pontos fortes, e todos se sobrepõem em alguns aspectos à presente obra. Contudo, o aconselhamento bíblico e a integração, muitas vezes e de maneiras bem diferentes (embora não necessariamente!), tendem a pressupor a moderna separação entre teologia e psicologia (e psicoterapia e aconselhamento). O objetivo deste livro é fazer uma síntese de todas as formas pertinentes de conhecimento bíblico, teológico, psicológico e filosófico sobre o homem, com o objetivo de entender o ser humano da forma mais abrangente possível, isto é, o mais próximo possível de como Deus nos entende.⁷ É evidente que este livro é mais bíblico e teológico que empírico. No entanto, entendido como um corretivo e um exercício de recuperação, espera-se que futuras obras e gerações façam um melhor trabalho de síntese.

PSICOTERAPIA E ACONSELHAMENTO DE CRISTÃOS

Da perspectiva da psicologia cristã, o mais importante a avaliar na terapia é se o aconselhado é seguidor de Cristo ou não, procedendo a essa averiguação da melhor forma possível. Na maioria das vezes, essa avaliação é relativamente fácil de fazer — as perguntas de um formulário de anamnese ou feitas na primeira sessão revelam como o aconselhado se vê ou se o aconselhado é um membro em comunhão com a igreja onde o aconselhamento é feito. Outras vezes, os contornos não são tão nítidos, seja porque a pessoa está se aproximando do cristianismo, seja porque está se afastando dele.

Esse diagnóstico, porém, é muito importante, porque, ao trabalhar com aconselhados cristãos, o conselheiro cristão pode fazer uso de todos os recursos terapêuticos que Cristo pôs à disposição dos que creem nele — o

⁷Em retrospecto, agora que este projeto se aproxima da conclusão, lamento não ter procurado mais cedo a colaboração de um teólogo. Desde que comecei a escrever, tem ficado cada vez mais claro para mim que um bom academicismo cristão transdisciplinar requer múltiplos autores com conhecimento especializado complementar para produzir textos disciplinares para a comunidade cristã que reflitam a influência formativa das metadisciplinas cristãs, particularmente as áreas de pesquisa bíblica, teologia e filosofia cristã. Espero passar o resto de minha carreira compartilhando as lições que aprendi.

que poderíamos chamar de recursos da “graça redentora”. Mesmo trabalhando com não cristãos, ainda há muito que os conselheiros cristãos podem fazer, mas precisam trabalhar com o que poderíamos chamar de recursos da “graça criadora”, que estão disponíveis a todos, independentemente de seu relacionamento pessoal com Cristo. Esses últimos recursos são, é claro, bem desenvolvidos em campo — e também dados por Cristo (Jo 1.9; Cl 1.15-20; 1Tm 4.10) — e incluem práticas como: formar vínculo terapêutico; treinar para reconhecer pensamentos automáticos; investigar de que forma padrões de apego estão afetando relacionamentos atuais; e usar *role-playing* (representação de papéis) para desenvolver habilidades sociais mais eficazes. Pesquisadores da psicoterapia tradicional também descobriram que certos “fatores comuns” respondem por bons resultados em terapia, independentemente de qual seja o sistema teórico do terapeuta; por exemplo: a qualidade do vínculo terapêutico; a empatia e transparência do conselheiro; o compartilhamento dos mesmos objetivos na terapia; e assim por diante (Lambert, 2013; Norcross, 2011; Wampold, 2010). Por isso, os conselheiros cristãos precisam ser instruídos quanto aos recursos terapêuticos da graça criadora e quanto às habilidades que se valem dos “fatores comuns”.

No entanto, mesmo nessas áreas, a interpretação cristã terá seu diferencial. Por exemplo, o modo de entender um fator comum ou o que se considera um bom resultado pode diferir em alguns aspectos, dependendo da cosmovisão de cada um. Só para citar um exemplo, a formação de uma ligação empática entre conselheiro e aconselhado foi considerada um dos fatores mais importantes de uma terapia. Contudo, Stephen Muse (2015), psicoterapeuta ligado à igreja ortodoxa oriental, dá a essa experiência cristã de ligação empática o nome de *dia-Logos*, porque ela serve de canal para a presença e o amor de Cristo, capacitando conselheiro e aconselhado a participarem da comunhão da Trindade.

Existem muitos e muitos livros, tanto cristãos quanto seculares, que tratam dos fatores comuns e descrevem o que estamos chamando aqui de recursos da graça criadora, e parte do material que se segue leva em conta esse trabalho, já que todo tipo de PAC utiliza fatores comuns e recursos da graça criadora o tempo todo. A maior parte de *Aconselhamento cristão*, no entanto, concentra-se no uso dos recursos da graça *redentora*, os quais somente os conselheiros cristãos podem utilizar. O que precisamos hoje é de mais pesquisa sobre a eficácia de modelos solidamente cristãos como o aqui apresentado (Appleby, Ohlschlager, 2013; Garzon, 2008; Johnson, Worthington, Hook, Aten, 2013; Knabb, Frederick, 2017; Tan, 2011, cap. 15;

Wardle, 2005). Um passo a tomar, que seria um corolário de tudo isso que acabamos de afirmar, é o desenvolvimento de credenciais para uma psicoterapia e um aconselhamento caracteristicamente cristãos com os mais altos padrões de conhecimento teológico e psicológico, além de habilidades terapêuticas avançadas.

UMA ALTERNATIVA CRISTÃ VIÁVEL NA PSICOTERAPIA E NO ACONSELHAMENTO CONTEMPORÂNEOS

Segundo MacIntyre (1984), uma comunidade/tradição intelectual é viável somente à medida que dialoga ativamente com seus principais rivais, contestando as estruturas alternativas de forma construtiva, incorporando os avanços dessas estruturas e traduzindo-os de acordo com formas próprias de pensamento e prática, sem deixar de apontar as deficiências da outra comunidade/tradição, particularmente quando comparadas com a sua. O mesmo princípio aplica-se a uma comunidade/tradição terapêutica. No atual ambiente cultural litigioso, é fácil os cristãos serem empurrados para um dos dois extremos: de um lado, a mera adaptação à comunidade/tradição dominante — psicoterapia e aconselhamento modernos (PAM) — reproduzindo fielmente suas regras de discurso e terapia sem questionamento nem negociação; de outro, o isolamento, resistindo a qualquer envolvimento com a PAM mantendo-se à parte do sistema público de saúde mental. Sem entrar nas razões cristãs legítimas para cada uma dessas opções, o objetivo deste livro — e da psicologia cristã em geral — é desenvolver uma alternativa cristã viável para a PAM em que nossas cosmovisões façam diferença.

Reconhecidamente, nos campos contemporâneos da psicoterapia e do aconselhamento, uma abordagem cristã é dificilmente reconhecida. Só para começar a ser levada a sério pela PAM, a psicoterapia e aconselhamento cristãos (PAC) precisa primeiro aprofundar sua compreensão e identidade cristãs nos aspectos psicológicos e terapêuticos, recuperando, reinvestindo e rearticulando os diferentes recursos de sua comunidade/tradição, mas levando em consideração os melhores trabalhos da PAM. Para termos êxito, precisamos primeiramente fazer isso *dentro dos limites de nossa comunidade/tradição* — comunicando-nos entre nós mesmos —; do contrário, nossa identidade e entendimento provavelmente serão um tanto distorcidos pelos valores da cosmovisão dominante da MPA, e isso de formas difíceis de identificar quando se está intelectualmente imerso

em outra comunidade/tradição. Mas, em segundo lugar, nossa comunidade/tradição precisa se comunicar e colaborar sempre que possível com aqueles que seguem a PAM, contestando quando necessário e incorporando/traduzindo o que for válido. Em terceiro lugar, e funcionalmente mais importante, a PAC precisa desenvolver programas de pesquisa que testem sistematicamente suas hipóteses e propostas, seguindo, o máximo possível, padrões próprios para a qualidade da pesquisa e, ao mesmo tempo, mantendo suficiente conformidade com os critérios universais exigidos para publicação. Existe uma prioridade lógica de começarmos pela primeira tarefa, e esse é o foco deste livro. No entanto, a bem da verdade, precisamos florescer onde fomos plantados e trabalhar em prol de uma maior coerência cristã nas tarefas mais prementes, considerando nossa localização e chamado, na esperança de que uma massa crítica de textos, pesquisas e teorias de cunho cristão finalmente se forme e demonstre a viabilidade da PAC. (Cumpra aqui registrar que também estou trabalhando nas duas últimas tarefas sempre que possível; veja Johnson, 2015a; 2015b; August, 2015.)

Alguns teólogos, filósofos e conselheiros (e.g., conselheiros bíblicos, pessoas que ministram oração de cura e diretores espirituais) já fizeram grande parte do importante trabalho de recuperação e reinvestimento. Agradeço a Deus por isso. No entanto, em razão de seu chamado e treinamento, poucos estão em posição de se envolver ativamente com a linguagem e com a literatura da PAM. Ao contrário deles, os líderes da integração têm conseguido participar com sucesso da PAM e da psicologia, até mesmo influenciando-os em aspectos significativos, conquanto sutis. Também agradeço a Deus por isso. Contudo, na melhor das hipóteses, apenas conseguem realizar a integração até o ponto permitido atualmente pelas regras do discurso e da terapia seculares. É preciso que haja a participação de todos os membros da comunidade cristã com alguma contribuição a dar para que possa surgir uma comunidade/tradição alternativa viável.

O problema, como já sinalizamos, é que a psicologia contemporânea é uma comunidade/tradição primordialmente *secular em suas convicções*, apesar das afirmações explícitas de neutralidade em relação a outras perspectivas e da recente abertura em relação à espiritualidade e à religião (pela qual sou muito grato). Consequentemente, a maioria dos membros dessa comunidade/tradição não vê o mundo da mesma maneira que os cristãos. Assim, contestar demais o pensamento vigente nesse campo resulta em algum grau de rejeição (por exemplo, dos artigos submetidos para possível

publicação em periódicos, algo que sei por experiência própria). Entrementes, temos de criar muito mais “locais” onde cristãos que trabalham nesse campo possam fazer referência, em fé, ao Deus triúno, às Escrituras e à salvação, *pelo menos quando estivermos dialogando entre nós: nas igrejas locais, em nossas instituições educacionais, em periódicos e livros, em programas de pesquisa, em congressos e em sessões de aconselhamento*. Gradualmente, à medida que nossa identidade e nosso entendimento como comunidade/tradição intelectual e terapêutica distinta se desenvolver, em conjunto com nossa literatura e pesquisa acadêmicas em torno de modelos psicológicos e “teoterapêuticos” sofisticados, que sejam validados empiricamente e totalmente coerentes com uma cosmovisão cristã, o atual predomínio do secularismo poderá ser mais vigorosamente contestado. Enquanto isso não acontece, os cristãos que trabalham aplicando a psicologia dominante precisam do suporte e do encorajamento de outros cristãos, e de muito discernimento. Quanto do discurso cristão é compartilhado com membros de comunidades com outras cosmovisões, e quando, depende de uma variedade de fatores comunicativos: a atual abertura cultural para uma genuína diversidade de cosmovisões; sua aplicabilidade ao assunto em pauta; a credibilidade do profissional na área; a qualidade e o contexto do relacionamento; e o chamado pessoal. Existe certa percepção na psicologia, pelo menos entre aqueles membros com mentalidade mais filosófica, de que o preconceito positivista para com a metafísica, o qual tem caracterizado a psicologia moderna desde seus primórdios, também se acha fora dos limites das evidências empíricas (Richardson, Fowers, Guignon, 1999; Slife, Reber, Richardson, 2005; Toulmin, Leary, 1992). Os cristãos podem ter a esperança de que essa percepção acabará por fim levando a uma interpretação mais pluralista da psicologia, vendo-a como necessariamente uma família de psicologias, baseadas em diferentes cosmovisões, compartilhadas por membros de comunidades/tradições intelectuais e terapêuticas específicas. Talvez esse seja o melhor e mais justo sistema de discurso que se possa alcançar em um mundo caído, considerando todas as nossas habilidades finitas e pecaminosas — embora os cristãos tenham toda razão para crer que um entendimento cristão seja aquele que reflete a realidade de forma mais precisa (Plantinga, 2000).

Para levarmos adiante uma empreitada desse tipo, será de grande utilidade encontrar psicólogos da corrente predominante que sejam imparciais e estejam abertos ao diálogo. Recentemente, Duarte, Crawford, Stern, Haidt, Jussim e Tetlock (2015) defenderam a ideia de que a psicologia social se beneficiaria

de uma maior diversidade *política*, entrevendo nessa defesa a percepção de que seria útil pôr a descoberto o viés progressista que atualmente domina esse campo, abrir novas frentes de investigação científica proporcionadas por perspectivas de vanguarda e diminuir as deturpações na descrição de grupos sem representatividade. Em apoio a essas propostas de reforma, eles aludem a pesquisas da psicologia social sobre o problema do viés confirmatório e sobre o papel que a influência das minorias pode ter na redução dos efeitos deturpadores de processos cognitivos sociais como o pensamento de grupo, levando a uma reflexão mais profunda sobre questões controversas e questionáveis, decisões em grupo de alta qualidade e mais eficiência na solução de problemas. É só uma questão de tempo até que essa conscientização se estenda à necessidade de uma diversidade de *cosmovisões*. É claro que isso pode não acontecer. Contudo, enquanto esperamos, todas as partes interessadas devem manter a esperança e orar, e aqueles cuja posição e chamado lhes permitir exercer alguma influência nos campos da psicologia, da psicoterapia e do aconselhamento, no sentido de que se tornem mais abertos a uma maior diversidade de *cosmovisões*, devem fazê-lo. E precisamos estar prontos para esse dia. Por certo, haverá quem diga que trabalhar em prol de uma psicologia pluralista e de um sistema público de saúde mental também pluralista não é um objetivo que valha a pena, e sem dúvida essas são questões complexas sobre as quais bons cristãos discordarão entre si. Entretanto, concordando com alguns kuyperianos (e.g., Skillen, 1994), um “pluralismo orientado por princípios” me parece ser a melhor estrutura para negociar a existência de *cosmovisões* múltiplas e viáveis em uma cultura. Como já ouvimos acerca da democracia, ela não é um sistema perfeito, mas é o melhor sistema que podemos ter neste mundo. Da mesma forma, uma psicologia e um sistema público de saúde mental de caráter pluralista não seria perfeito, mas seria melhor que o que temos atualmente, e que tanto favorece o naturalismo. Como os seres humanos terão *cosmovisões* discordantes, essa talvez será a melhor opção cultural de que disporemos.

A despeito do cenário atual em psicoterapia e aconselhamento, a comunidade cristã em geral colherá benefícios consideráveis com o desenvolvimento dos mais sofisticados e abrangentes modelos possíveis de psicoterapia e aconselhamento, moldados sob a base do plano do Deus triúno de glorificar a si mesmo enquanto promove a mais substancial cura da alma possível em Cristo, até que cheguemos a nosso verdadeiro lar, perfeitamente santos e sãos. Sem mais delongas, vamos dar os primeiros passos para tentar atingir esse objetivo.